

# Técnicas de desobsessão

Autor: *José Queid Tufaile Huaixan*

- Introdução

## **1.0 - O que é a obsessão**

- 1.1 - Definição clássica
- 1.2 - Causas da obsessão
- 1.3 - Graus da obsessão
- 1.4 - Situações obsessivas

## **2.0 - Diagnóstico da obsessão**

- 2.1 - Entrevista
- 2.2 - Exame espiritual por evocação
- 2.3 - Exame espiritual por psicografia
- 2.4 - Exame espiritual por vidência

## **3.0 - Princípios do tratamento**

- 3.1 - Aspectos morais do paciente

## **4.0 - Técnicas de desobsessão**

- 4.1 - Doutrinação do obsediado (direta e indiretamente)
- 4.2 - Doutrinação do Espírito obsessor
- 4.3 - Doutrinação da família do obsediado

## **5.0 - Meios coadjuvantes**

- 5.1 - Fluidoterapia
- 5.2 - Leitura de livros espíritas
- 5.3 - Mensagens doutrinárias
- 5.4 - Prece
- 5.5 - Trabalho no Bem
- 5.6 - Cuidados médicos

- Conclusão

Introdução

As informações existentes neste estudo, têm como finalidade levar o trabalhador ou dirigente espírita que lida com a obsessão, a um melhor entendimento acerca dos métodos pelos quais se é possível identificá-la e tratá-la com relativa segurança.

Sabe-se que a obsessão é uma disfunção mental de fundo espiritual, que sempre esteve presente na vida do homem terreno. Seu tratamento foi mistério em todos os tempos. Com o advento do Espiritismo, conseguiu-se uma explicação racional para o fenômeno, demonstrando suas causas, classificando seus efeitos e apontando caminhos para sua cura.

Nos tempos atuais, devido ao crescimento desmedido da população, sua decadência moral e os inúmeros problemas sociais que enfrenta o mundo, a obsessão tornou-se um verdadeiro flagelo, provocando desentendimentos, vícios, anomalias psicológicas, suicídios e outros males do gênero. A ciência humana continua não aceitando os conceitos espíritas a respeito do assunto, deixando de oferecer oportunidade de cura a inúmeros pacientes que a procuram. A Doutrina Espírita ainda é a única saída para o alívio e cura da obsessão, principalmente os casos mais graves.

Frente a essa situação de emergência por que passa a humanidade, nós espíritas, que somos os trabalhadores da última hora, temos que nos esforçar para termos um bom entendimento das causas da obsessão e dos métodos que podemos utilizar para cuidarmos dos que são vitimados por ela.

A obsessão é ainda um dos maiores entraves para a prática da mediunidade. Allan Kardec afirmou que nunca seriam demais as providências destinadas a combater sua influência daninha.

A prática do Espiritismo, por uma série de fatores, passa por um período onde sua produtividade terapêutica é baixa. Essa situação de pouca produção precisa ser questionada para se promover o progresso. A Doutrina Espírita nos ensina que tudo deve progredir. E para sabermos se a ajuda espiritual ministrada em nossa casa está sendo suficientemente útil, basta controlarmos os tratamentos que vêm sendo feitos pela equipe de desobsessão. Os dados

pessoais do obsedado, bem como os principais sintomas da perturbação, devem ser anotados em fichas de informações. Depois de algum tempo, 30 ou 60 dias por exemplo, faz-se uma comparação com o período anterior ao tratamento. Se houve melhora de sintomas em mais de 50% dos casos, o atendimento está em bom nível. Abaixo deste índice, é preciso melhorar a metodologia utilizada.

O que se tem observado num considerável número de sociedades é a necessidade urgente de se aperfeiçoar o método de tratamento utilizado. Isso, quando ele existe. Inclui-se nesse aperfeiçoamento, a melhoria das atividades mediúnicas, com o desenvolvimento de médiuns seguros e flexíveis para tratarem das evocações, doutrinações e pesquisas.

Na literatura espírita temos vários trabalhos falando do tema “desobsessão”. Porém, em maioria foram escritos por autores desabitados com as lides diárias da obsessão. São teóricos que pouco entendem do lado prático do tratamento. Esses estudos deixam a desejar quanto à realidade prática das instituições espíritas. Repetem antigos e mal interpretados conceitos, teses redundantes que pouco acrescentam ao conhecimento de quem precisa mudar.

Fizemos esse trabalho com a finalidade de colaborar para minimizar essa deficiência. Queremos, com ele, contribuir para que o tratamento da obsessão nas casas espíritas seja mais organizado e apresente resultados mais satisfatórios.

## **1.0 - O que é a obsessão**

No Movimento Espírita existe muita confusão a respeito do que seja a obsessão e de como se caracteriza. Um dos obstáculos para a sua cura está na dificuldade que se tem para identificá-la. Frequentemente, ela é confundida com a simples influência de Espíritos sofredores ou com as influências negativas que todo ser humano recebe. Pode-se comparar este erro mais ou menos como o do médico que, ao examinar o paciente, confundiu resfriado com tuberculose. Há aqueles que confundem obsessão com mediunidade a ser desenvolvida. A obsessão, afirmam, deve ser curada com o desenvolvimento da mediunidade ou com o trabalho do paciente no campo da assistência social. Eis um grave erro que pode levar a consequências danosas. É o mesmo que um médico prescrever para a cura de uma doença, que seu paciente estude medicina ou trabalhe no hospital.

A obsessão é uma doença de fundo moral que deve ser tratada por métodos lógicos e racionais ensinados pela Doutrina Espírita. Se vai haver atividade mediúnica ou não na vida do paciente, isto será definido depois do tratamento, pois dependerá de uma série de fatores que deverão ser avaliados pelo dirigente de sessões ou responsável pela orientação da casa.

É necessário ao observador deter-se em alguns detalhes para identificar corretamente o processo obsessivo. Só assim, poderá tratá-lo com sucesso.

“A obsessão apresenta características diversas que precisamos distinguir com precisão, resultantes do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que este produz” – (Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns, capítulo 18:237)

“A palavra obsessão é portanto um termo genérico pelo qual se designa o conjunto desses fenômenos, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação” – (Idem, acima).

### **1.1 - Definição clássica: Allan Kardec, o codificador, assim define a obsessão:**

“A obsessão é a ação persistente de um Espírito mau sobre uma pessoa. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência de ordem moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a completa perturbação do organismo e das faculdades mentais” – (O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 28:81).

“Trata-se do domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas. São sempre os Espíritos inferiores que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento. ...Os maus, pelo contrário, agarram-se aos que conseguem prender. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito da vítima e a conduzem como se faz com uma criança” – (O Livro dos Médiuns, capítulo 28:237).

A obsessão é o domínio que os Espíritos inferiores adquirem sobre algumas pessoas, provocando-lhes desequilíbrios psíquicos, emocionais e orgânicos. Esta é a definição básica que Allan Kardec deu a ela. Como causa fundamental da obsessão, o Codificador apontou certas fraquezas do organismo moral dos pacientes.

A Doutrina Espírita ensina que todos nós recebemos a influência dos bons e dos maus Espíritos, explicando que trata-se de um processo natural, por meio da qual a criatura é estimulada à experiência evolutiva quando está encarnada. No entanto, quando um Espírito atrasado se apega a uma pessoa e sua influência perniciosa torna-se constante, então pode-se classificá-la como obsessão.

Os sintomas que caracterizam a obsessão variam de caso para caso, desde simples efeitos morais, passando por manias, fobias, alterações emocionais acentuadas, mudanças na estrutura psíquica, subjugação do corpo físico, até a completa desagregação da normalidade psicológica, produzindo a loucura.

No tratamento da obsessão é preciso saber distinguir seus efeitos, daqueles outros causados pelas influências naturais (mais ou menos passageiras) e das alterações emocionais oriundas do próprio psiquismo do paciente.

Existem pessoas que procuram o Centro Espírita portando desequilíbrios psicológicos que, embora possam se beneficiar dos ensinamentos da Espiritualidade, também necessitam do apoio de terapeutas. A relação com a vida atual, a própria educação que recebeu ou seu passado reencarnatório trouxeram-lhes traumas e condicionamentos que os fazem sofrer.

O estudo da Doutrina e as palestras públicas poderão ajudar esses indivíduos na recuperação da normalidade almejada, mas o entrevistador ou orientador não deve dispensar a competente orientação profissional, quando achar isso necessário.

É evidente que o entrevistador ou dirigente do Centro Espírita têm de saber diferenciar a obsessão das outras anomalias psíquicas. Existem algumas regras gerais que podem ser observadas, mas o que vai ajudá-los em profundidade, será a experiência em torno dos casos examinados.

O fenômeno obsessivo apresenta sinais morais, psicológicos ou físicos característicos, que o trabalhador deve aprender a identificar. Na obsessão, observa-se um constrangimento da vontade do paciente, um incômodo que parece não ceder a nenhuma providência. Na simples influência de sofrendores, isso não ocorre. Nela, só se observa a tristeza apática, a melancolia, às vezes crises de choro, sem maior gravidade. Alguém pode estar alterado emocionalmente, influenciado por um Espírito sofredor, sem com isso estar obsediado.

Os sintomas relacionados abaixo podem ser indicadores de processos obsessivos já desenvolvidos ou em fase de desenvolvimento. Se permanecerem constantes em uma pessoa, pode-se suspeitar com grande margem de acerto que esteja sob o império da obsessão. São eles:

- Depressão, angústia e tristeza.
- Pesadelos constantes.
- Tendência ao vício.
- Práticas mundanas.
- Agressividade além do normal.
- Abandono da vida social ou familiar.
- Ruídos estranhos à própria volta.
- Visão freqüente ou esporádica de vultos.
- Impressão de ouvir vozes.
- Manias e tiques nervosos

Uma pessoa, vez por outra, pode ter um pesadelo, entrar num estado de tristeza ou sentir qualquer dos sintomas citados acima, sem que esteja sendo vítima da obsessão. O que caracterizará a fenomenologia obsessiva é a insistência desses estados mórbidos em incomodar a pessoa desajustada.

Ainda no campo dos sintomas, pode-se afirmar que nas simples influências espirituais, as entidades envolvidas normalmente são Espíritos sofredores ou ignorantes, que podem ser afastados facilmente do campo psíquico do paciente através de passes e evangelização. Nas obsessões provocadas por Espíritos maus é diferente. Os sintomas apresentam-se com tendências agravantes e doentias. Observa-se uma insistência da entidade em agredir o obsediado ou interferir na sua mente, afetando a normalidade.

Com o tempo, o responsável pelo atendimento na casa espírita adquirirá a experiência suficiente para detectar a obsessão e providenciar seu tratamento com relativa segurança.

**1.2 – Causas da obsessão:** É de importância vital aos que lidam com o tratamento da obsessão, descobrir as causas que levaram o paciente a cair sob o domínio do Espírito obsessor que o atormenta. Sabemos, através dos ensinamentos de Allan Kardec, que no fundo de todas as perturbações espirituais residem as fraquezas morais do perturbado, as imperfeições da alma que são as portas de entrada para a influência estranha.

Algo parecido acontece com as doenças do corpo físico: quando elas se instalam no organismo, a causa está geralmente nas fraquezas da estrutura orgânica.

Em estudos realizados no Grupo Espírita Bezerra de Menezes, na cidade de São José do Rio Preto, SP, onde foram examinados mais de 7 mil casos de anormalidades comportamentais, causadas por Espíritos ou não, se classificou as causas da obsessão como sendo provenientes de quatro fontes distintas:

- Causa moral.
- Causa cármica.
- Auto-obsessão.

**Causa moral** - Há duas situações que podem levar um paciente a ser vítima da obsessão de fundo moral: o Espírito imaturo e o Espírito mal orientado. No primeiro caso, o da imaturidade espiritual, encontram-se pacientes poucos adiantados moralmente, com o psiquismo ainda dominado por pensamentos inferiores. A conduta dessas pessoas em torno de ações e pensamentos inferiores atrai Espíritos imperfeitos que se afinizam com elas. No começo da relação, verifica-se tão somente uma interferência em algumas atitudes do indivíduo. Mais tarde, aparece um delicado mecanismo de interinfluência, onde as vontades e os desejos são trocados entre perturbado e perturbador.

A seguir, a vontade do obsediado vai aos poucos sendo substituída pela do obsessivo, instalando-se o fenômeno obsessivo. Este tipo de obsessão é comum e há situações em que seus portadores nem percebem que dividem sua vida mental com um Espírito inferior. Nesse tipo de obsessão não há grande chance de sucesso no tratamento. O que se pode conseguir é uma melhoria relativa, pois não há como mudar bruscamente o estado evolutivo de uma pessoa, fazendo-a entender conceitos que ainda não tem condições de conceber.

Na segunda situação, a do Espírito mal orientado, encontram-se os pacientes que tiveram educação deficitária no lar, na religião ou na escola. A inferioridade do mundo terreno, seus costumes e sistemas educativos estimulam no ser humano o desenvolvimento das paixões e o afastam de Deus. Estruturas psicológicas mal orientadas provocam nas pessoas condutas desregradadas, levando-as a sintonizar com Espíritos inferiores. Pelo mesmo mecanismo citado acima, forma-se o processo obsessivo de fundo moral. Nesses casos, o tratamento será mais fácil, pois trata-se de um problema que uma simples orientação bem conduzida pode resolver.

**Causa cármica** – Classificam-se como obsessões cármicas os casos obsessivos relacionados com as vidas passadas de um paciente em desequilíbrio. Carma é um termo que se refere à bagagem histórica do Espírito. É o produto de todas as encarnações vividas pela entidade. A palavra “carma” é de origem sânscrita (uma das mais antigas línguas da Índia), e significa “ação”. Pode-se dizer, a grosso modo, que o carma é a ação do Espírito em toda sua trajetória evolutiva, desde sua primeira encarnação.

Denominam-se obsessões de “causa cármica”, aquelas em que as perseguições observadas são oriundas do relacionamento entre obsediado e obsessivo, ocorridas em vidas passadas, neste ou noutros mundos. É um tipo de obsessão provocada pela desarmonia de conduta entre duas ou mais criaturas, gerando ódios, ressentimentos e vinganças que podem se estender às suas vidas futuras. A lei de ação e reação, ou causa e efeito, regula estes processos de ajuste entre as partes envolvidas, permitindo que as conseqüências deste plantio mal feito dêem seus frutos com vistas ao aprendizado de todos.

O comprometimento no passado, através das ligações vibratórias, atrai o desafeto desencarnado que, vindo consumida a fase de infância de seu inimigo, inicia sua influência maléfica sobre ele. No passar dos anos instala-se a obsessão, apresentando maior ou menor gravidade, segundo as circunstâncias que cercam cada caso.

Em A Gênese, Capítulo XIV, Allan Kardec fez um importante estudo sobre os fluidos espirituais. Examinando suas colocações, pode-se concluir que os ambientes materiais possuem uma espécie de atmosfera espiritual criada pelas pessoas que vivem em relação com eles. Entende-se daí, que os centros espíritas, os terreiros de Umbanda, as Igrejas, os lares, os locais de trabalho e de diversões, constituem-se em verdadeiros núcleos de magnetismo espiritual, criados pelos pensamentos dos que os freqüentam. Aprendemos que nesses ambientes constituídos por pessoas mais ou menos imperfeitas, associam-se Espíritos desencarnados com tendências afins.

Nas investigações em torno da obsessão, realizadas no Grupo Espírita Bezerra de Menezes, verificou-se que freqüentadores de ambientes espirituais onde predominam a presença de Espíritos inferiores (terreiros primitivos, centros espíritas desajustados ou templos de seitas estranhas), podem ficar contaminados com sua influência. Tal domínio se forma em virtude da sintonia mental dos freqüentadores, com os Espíritos que habitualmente vão ali. Denominou-se essas obsessões de “contaminações”.

Nos casos dos terreiros ditos de Umbanda, os consulentes - como são chamados ali os necessitados - quase sempre vão solicitar ajuda para a solução de seus problemas materiais e amorosos. Nesses ambientes, geralmente predominam interesses imediatistas, ligados à vida material e ninguém costuma tratar das questões morais relativas ao futuro do indivíduo como Espírito imortal.

Os Espíritos inferiores que militam nesses ambientes ajudam as pessoas interferindo em suas vidas, causando-lhes contrariedades ou efeitos materiais que iludem os que não possuem conhecimento da verdade ensinada pelo Consolador. Quando o freqüentador se afasta desses lugares, a influência dos maus Espíritos nem sempre cessa. Ao notarem que estão perdendo suas vítimas, podem instalar a desarmonia emocional e mesmo material na vida dos envolvidos.

As obsessões causadas por contaminações são mais freqüentes do que se imagina. Na região de São José do Rio Preto, SP, por exemplo, perfazem 40% do total dos casos examinados. As contaminações também podem ocorrer através das atividades de centros espíritas mal orientados. Quando pessoas novatas, sem estudo ou preparo, são colocadas em reuniões mediúnicas para exercitar suas faculdades, é muito comum caírem sob o domínio de Espíritos inferiores, terminando como vítimas da obsessão. Grupos espíritas dominados por entidades ignorantes e

malévolas são verdadeiros focos de contaminação espiritual, que prejudicam os que ali vão buscar ajuda e orientação para suas vidas.

**Auto-obsessão** - Na auto-obsessão, a mente da pessoa enferma encontra-se numa condição doentia semelhante às neuroses. É uma situação onde ela atormenta a si mesmo com pensamentos dos quais não consegue se livrar. Há casos mais graves em que o paciente não aceita que seu mal resida nele mesmo.

As causas deste tipo de obsessão residem nos problemas anímicos do paciente, ou seja, nos seus dramas pessoais, dessa ou de outras encarnações. São traumas, remorsos, culpas e situações provindas da intimidade do seu ser, que prejudicam-lhe a normalidade psicológica.

Quando se examina esses casos mediunicamente, pode-se encontrar Espíritos atrasados ou sofredores associados à vida mental dos doentes. Mas, as comunicações indicam que eles estão ali por causa da sintonia mental com o obsediado. Agravam seu mal, mas não são os causadores dele.

A causa central desse tipo de obsessão reside no paciente, que se auto-atormenta, numa espécie de punição a si mesmo. A mente de um auto-obsediado é fechada em si mesma e é preciso abri-la para a vida exterior, se quisermos ajudá-lo.

A psicoterapia convencional pode e deve ser utilizada no tratamento da auto-obsessão. Juntando-se a ela a terapia espírita, fundamentada na evangelização e no ascendente moral, pode-se obter resultados satisfatórios. O tratamento abrirá a prisão psíquica em que o indivíduo vive, libertando-o da escravidão mental.

**1.3 – Graus da obsessão:** A obsessão possui causas, consequências e sinais diversificados. Allan Kardec ordenou o fenômeno obsessivo segundo certas características e graus de intensidade que lhe é próprio e que facilitam entender a gravidade de cada caso. O Codificador classificou a obsessão em três categorias distintas, segundo seu grau de manifestação: Obsessão simples, Fascinação e Subjugação.

**Obsessão simples** - Na obsessão simples, ocorre um grau de constrangimento que se limita a perturbar a vontade, emoção e psiquismo do paciente obsediado. O Espírito inferior incomoda o indivíduo, mas não domina em profundidade seu psiquismo. Alguém que tenha o sono perturbado por pesadelos, pode estar sendo vítima de uma obsessão simples. Se, no entanto, os efeitos provocados por esses sonhos ruins permanecem significativa parte do dia incomodando o enfermo, o caso pode ser classificado como uma subjugação moral.

Pacientes portadores de depressões de caráter leve a mediana, podem ser vítimas de obsessões simples. Porém, se a situação psicológica degenerar na predominância de maus pensamentos no trânsito mental, a situação também pode ser colocada na classe de subjugação moral.

Pequenos tiques nervosos e manias esporádicas, também podem ser classificados como obsessão simples. Caso esses cacoetes se tornem constantes, o fenômeno obsessivo poderá ser classificado como subjugação física. Em resumo, a obsessão simples é, como o próprio nome o diz, uma interferência espiritual não grave. Mas, é importante citar que algumas obsessões simples, se não forem cuidadas adequadamente, poderão se degenerar em formas mais graves, tais como a subjugação e a fascinação. Portanto, todos os casos de obsessão merecem a maior atenção.

**Fascinação** - A fascinação é o processo de obsessão mais grave. É Allan Kardec ainda quem assim se refere, falando dessa situação obsessiva:

“A tarefa (de desobsessão) se torna mais fácil, quando o obsedado, compreendendo a sua situação, oferece o concurso da sua vontade e das suas preces. Dá-se o contrário quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se mantém iludido quanto às qualidades da entidade que o domina, e se compraz nas suas mistificações, porque então, em vez de ajudar, ele mesmo repele qualquer assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar da ação contra o Espírito obsessor” - (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo 28:81).

Na fascinação, existe um mecanismo de profunda ilusão instalada na mente enferma do paciente. Ele afeta as faculdades intelectuais, distorcendo o raciocínio, a capacidade de julgamento e a razão. O Espírito obsessor engana o doente explorando suas fraquezas morais, iludindo-o com falsas promessas. Um fascinado não admite que está obsediado. O defeito moral que provoca a fascinação é o orgulho. Infelizmente todos nós seres humanos ainda temos essa erva daninha na intimidade da alma. Bons valores mediúnicos já se perderam por causa da supervalorização que algumas pessoas deram ao seu amor próprio.

Os Espíritos fascinadores são hipócritas. Não possuem qualquer receio de se enfeitar com nomes honrados e, mesmo assim, levarem suas vítimas a tomarem atitudes ridículas perante a coletividade.

A fascinação é mais comum do que se pensa. Atualmente, atinge o Movimento Espírita como uma doença moral muito séria. É ela a responsável pela edição de livros antidoutinários e comprometedores existentes no mercado da

literatura espírita em bom número. Essas obras são escritas por médiuns e escritores vaidosos, que sob o império da fascinação, não se dão conta do ridículo a que se submetem.

Também é a fascinação a responsável por inúmeras condutas esdrúxulas observadas em centros espíritas, tais como a entoação de cânticos, utilização de roupas e paramentos nas sessões, uso de cromoterapia, transformação da tribuna em anedotário etc.

Os intelectuais, embora instruídos, não estão livres da fascinação. Alguns desses indivíduos, por confiarem excessivamente no seu pretensão saber, tornaram-se instrumentos de Espíritos fascinadores e passaram a divulgar no Movimento Espírita conceitos antidoutrinários nocivos à fé espírita.

Allan Kardec alerta para outro grave perigo: o da fascinação de grupos espíritas. Iniciantes afoitos e inexperientes podem cair vítimas de Espíritos embusteiros que se comprazem em exercer domínio sob todos aqueles que lhes dão ouvidos, manifestando-se algumas vezes como guias e outras como Espíritos de outra natureza.

A fascinação também pode cair sobre grupos experientes que se julguem maduros o suficiente para ficarem livres de sua danosa influência. O orgulho e o sentimento de superioridade é a porta larga para a entrada dos Espíritos fascinadores. Portanto, deve-se tomar todo o cuidado quando na direção de centros espíritas e das sessões de atividades mediúnicas. Os dirigentes são alvos preferidos dos Espíritos hipócritas que, dominando-os, podem mais facilmente dominar o grupo.

**Subjugação** – A subjugação é um tipo de obsessão que apresenta um elevado grau de domínio do aspecto corporal e às vezes moral do paciente. Quanto a subjugação é moral, diferencia-se da fascinação, porque o paciente sabe que está obsediado. Na fascinação ele nega que o esteja.

Na subjugação ocorre um intenso domínio do Espírito obsessor no plano fluídico que, em alguns momentos, chega a se imantar ao corpo espiritual do doente, provocando-lhe crises de movimentação involuntária, com consequentes reflexos no corpo físico.

As crises provocadas por esta categoria de obsessão são conhecidas na linguagem popular como “possessão”. Esse termo é inadequado, pois não ocorre a posse do corpo físico pelo Espírito desencarnado. O correto é afirmar que alguém está subjugado por um Espírito, isto é, sob seu domínio, seu jugo.

O desenvolvimento dos processos de subjugação se inicia primeiro no plano moral. Depois de encontrada a sintonia adequada, ele evolui para homogeneização fluídica, que mais tarde levará ao domínio do perispírito. A seguir, começam a aparecer as crises que afetam o corpo físico, com tiques nervosos constantes, trejeitos, agressões e quedas semelhantes a convulsões.

#### 1.4 – Situações obsessivas

As obsessões, de modo geral, não apresentam gravidade e podem ser tratadas de maneira relativamente fácil pela metodologia espírita. Só em um número pequeno de casos há fatores que predis põem à degeneração do processo, culminando em subjugação ou fascinação. Nas obsessões mais graves, quase sempre encontram-se situações em que o enfermo tem um alto índice de endividamento frente às leis de Deus. Nesses casos, verifica-se ainda a presença marcante, ostensiva, de um Espírito obsessor e de circunstâncias morais no paciente que facilitam a evolução do estado mórbido.

Em todos os casos de obsessão há sempre dois lados envolvidos. Em um lado está o obsediado, aquele que sofre a agressão do obsessor. No outro, está o obsessor, que provoca a agressão, dando origem à obsessão.

Na patologia obsessiva há várias situações de domínio espiritual, que precisam ser bem compreendidas a fim de contribuir com o sucesso da terapia espírita. Citaremos os casos possíveis de acontecer, tendo em vista facilitar o trabalho dos doutrinadores, pois, como veremos, será preciso agir nas duas vertentes do processo, para solucioná-lo de forma conveniente.

Pode-se ter as seguintes situações obsessivas:

- De desencarnado para encarnado
- De encarnado para desencarnado
- De desencarnado para desencarnado
- De encarnado para encarnado
- Auto-obsessão
- Obsessão recíproca

**De desencarnado para encarnado** – Trata-se da obsessão convencional, conforme Allan Kardec nos apresenta nas obras básicas. É um processo obsessivo mais comum e de maior incidência. Todas as pessoas possuem a faixa psíquica com a qual sintonizam. Quando a predominância dessa influência situa-se no campo da influência dos Espíritos atrasados, aparece aí o fenômeno obsessivo. As razões da obsessão são diversas, conforme já tivemos oportunidade de verificar.

**De encarnado para desencarnado** - Embora essa situação obsessiva não seja muito comum, ela é observada em casos nos quais pessoas encarnadas podem exercer sobre Espíritos desencarnados uma influência magnética muito grande. Tais ocorrências podem acontecer em ocasiões em que alguém perde um ente querido e nutre por ele um amor possessivo.

O desejo de quem está do lado material em permanecer ligado àquele que partiu e o lamento desmedido, podem estabelecer laços fluídicos bastante poderosos entre ambos. Casos entre pais e filhos; entre amantes; entre inimigos; situações que envolvem disputas por herança etc, já foram observados e classificados como sendo entre “encarnados e desencarnados”.

**De desencarnado para desencarnado:** Espíritos que atormentam Espíritos são um drama que se desenrola tanto na Terra quando no plano espiritual. Nas sessões práticas de Espiritismo é muito comum os médiuns terem contato com entidades que se queixam de estar sendo perseguidas por algozes invisíveis. Na Revista Espírita, número de Junho de 1860, no artigo “Palestras familiares do Além Túmulo”, Allan Kardec evoca o espírito da Sra. Duret e propõe a seguinte questão:

Pergunta: O Espírito que obsedeu um médium em vida, pode obsedá-lo após a morte?

Resposta: A morte não liberta o homem da obsessão dos maus Espíritos: é a figura dos demônios, atormentando as almas sofredoras. Sim, esses Espíritos os perseguem após a morte e lhes causam sofrimentos horríveis, porque o Espírito atormentado se sente num abraço de que não se pode libertar.

**De encarnado para encarnado** - Pessoas obsediando pessoas existem em grande número. A obsessão entre vivos pode se manifestar através de sentimentos de ciúme, inveja, paixão, desejo de poder, orgulho e ódio. Temos como exemplo situações do relacionamento interpessoal, como o marido que limita a liberdade da esposa; a esposa que submete o marido aos seus caprichos; pais que se julgam no direito de cercear a liberdade dos filhos; paixões que terminam em dramas dolorosos, pactos de suicídio, assassinio etc.

**Auto-obsessão** - Na auto-obsessão, como já vimos, a mente do enfermo encontra-se numa condição doentia, onde ele atormenta a si mesmo. As causas deste tipo de obsessão residem nos problemas anímicos do paciente, ou seja, nos seus próprios dramas pessoais, vividos nessa ou noutras encarnações.

“O homem, não raramente é obsessivo de si mesmo” - (Allan Kardec, em Obras Póstumas, item 58).

**Obsessão recíproca** - São situações de perseguição em que dois Espíritos nutrem ódio um pelo outro ou são escravos das mesmas paixões. Alguns casos podem ser classificados como verdadeira simbiose, onde um se alimenta dos desequilíbrios do outro. Pode acontecer entre encarnados e desencarnados.

## 2.0 - Diagnóstico da obsessão

A obsessão é um fenômeno da patologia mental que pode ser identificado através de metodologia definida. Os centros espíritas que se dedicam a essa importante tarefa, devem constituir equipes para cuidar especificamente dessa área da assistência espiritual que nos proporciona o Espiritismo. A seguir, vamos falar das principais maneiras pelas quais as obsessões podem ser identificadas.

**2.1 – Entrevista:** Na terapia desobsessiva, faz-se necessário seguir um procedimento lógico e racional para se conseguir um resultado satisfatório na cura ou redução dos sintomas observados. Como primeiro procedimento, a equipe responsável pela desobsessão fará uma entrevista com o paciente, a fim de detectar os sinais psíquicos que a possam identificar, e observar fatos do dia-a-dia que possam comprovar sua existência. Por exemplo: uma pessoa que esteja com sua mente constantemente perturbada por pensamentos de morte ou suicídio, pode estar obsedada. Alguém que tenha a impressão de ouvir vozes ou barulhos à sua volta, também pode estar vitimada pela obsessão. Por isso, é necessário que se tenha um diálogo com o perturbado a fim de sondar-lhe a vida pessoal, identificando condutas e procedimentos que possam estar facilitando o desenvolvimento do processo obsessivo. A entrevista está detalhada em outra parte deste trabalho.

Além das informações colhidas pelo entrevistador durante seu diálogo com a pessoa necessitada, a casa espírita poderá contar com um precioso auxiliar para diagnosticar e tratar dos processos obsessivos graves. Trata-se dos exames espirituais. Existem diversas maneiras de realizá-los e cada um poderá adaptar no Centro Espírita que frequenta o método que achar mais conveniente, ou conforme os elementos mediúnicos que tiver à sua disposição. As informações espirituais sobre o paciente ou sobre sua intimidade é de caráter sigiloso e deverá permanecer em arquivos devidamente fechados, sob a responsabilidade do secretário de sessão ou da recepcionista.

**2.2 - Exame Espiritual por evocação:** Esse tipo de exame pode ser efetuado utilizando médiuns já desenvolvidos e de boas condições morais. Nesses casos, as fichas de entrevistas serão encaminhadas pelo secretário para uma reunião mediúcnica de desobsessão ou para uma sessão programada especificamente para esse fim.

O dirigente da mesa de trabalhos mediúnicos deverá separar um espaço do tempo disponível para fazer as evocações referentes a cada caso. De sua mesa de apontamentos, o secretário da sessão citará o nome de cada paciente, aguardando a prece evocatória a ser proferida pelo responsável pelos trabalhos.

Não se deve fazer preces muito longas. Pode-se, por exemplo, agir da seguinte maneira: “Em nome de Deus Todo Poderoso, rogamos que se houver um Espírito obsessor envolvido com Fulano..., que possa se manifestar entre nós, pois gostaríamos de falar com ele”.

Se o desajuste observado for mesmo um caso de obsessão espiritual, tal procedimento é suficiente para o chamamento do Espírito perturbador. Caso não haja manifestações, o dirigente poderá solicitar a um dos amigos da Espiritualidade que dê algum conselho sobre o caso, através de um dos médiuns da casa. Normalmente, os bons Espíritos o fazem com boa vontade.

É importante ressaltar que os médiuns não deverão ser informados sobre o tipo de problema que o paciente é portador. Isso contribuirá para se evitar influências anímicas nas comunicações, dentro do possível.

Allan Kardec disse que nos casos de investigação mediúcnica em torno de questões específicas, o médium poderá ser informado sobre o que se vai perguntar. Mas nos casos de investigação dos processos obsessivos, convém que tudo se passe no campo das experimentações. Além de limitar a influência do animismo, isso dará oportunidade ao dirigente da sessão para avaliar o funcionamento da mediunidade dos trabalhadores sob sua responsabilidade.

Em todas as modalidades de exame, somente será citado o nome do paciente, a idade e a cidade de sua moradia.

As informações vindas do plano espiritual serão anotadas na ficha do paciente. Não será necessário especificar o diálogo na sua íntegra, mas sim, os detalhes mais importantes da comunicação. Exemplo: “Observamos Espírito obsessor, ligado ao passado do paciente”, “Manifestou um Espírito ignorante, que parece ligado ao paciente por razões morais”, “Verificamos perturbações espirituais oriundas de terreiros primitivos”, “Houve manifestação do Espírito do paciente, que foi devidamente instruído”, “Não houve manifestação de Espíritos” etc.

As fichas serão devidamente encaminhadas para o arquivo da Sociedade, para mais tarde serem examinadas pelos entrevistadores que, fundamentados na entrevista, poderão prescrever o procedimento terapêutico adequado.

**2.3 - Exame Espiritual por psicografia:** O exame espiritual feito através da psicografia será bastante parecido com aquele das evocações. Um ou mais médiuns psicógrafos já experientes farão o trabalho de captar as informações do mundo espiritual sobre os casos em exames. A sessão de psicografia destinada ao exame espiritual deverá ser aberta com o estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo. Essa parte instrutiva, será a fase de preparo do ambiente e instrução moral dos participantes, nos dois planos da vida. Um secretário cuidará de organizar as fichas de atendimento que vão ser submetidas à apreciação dos médiuns. Também aqui, não se informará detalhes sobre o caso.

As informações psicografadas pelos médiuns serão registradas numa folha de papel sulfite. As instruções sobre cada caso serão anexadas junto à ficha do paciente, para mais tarde o secretário nela transcrever os detalhes. Do mesmo modo, após os apontamentos, as fichas serão encaminhadas para o arquivo da Sociedade e ficará à disposição dos entrevistadores. Após efetuar as anotações, as folhas escritas pelos Espíritos poderão ser destruídas.

**2.4 - Exame Espiritual por vidência:** Esse é o tipo de exame mais delicado, pois é preciso contar com um médium seguro e já desenvolvido. A vidência, como nos informou Allan Kardec, é uma faculdade incerta que pode se prestar ao erro e ao engano, com muita facilidade. Daí a necessidade do dirigente das atividades mediúnicas armar-se de cuidados para evitar informações inverídicas. Os melhores videntes são aqueles que desenvolvem suas faculdades na intimidade do trabalho do Centro Espírita.

Os videntes chamados naturais normalmente são cheios de vícios e interpretam as coisas do invisível de maneira muito pessoal. Videntes são comuns e a casa espírita deve contar com uma organização interna capaz de proporcionar uma boa formação moral e doutrinária para que entre os trabalhadores desponte a vidência, conforme o ‘dom’ de se interpretar a natureza dos Espíritos, como disse Paulo de Tarso.

O exame espiritual, feito por vidência, tem a vantagem de facilitar aos entrevistadores a possibilidade de terem o resultado das avaliações no mesmo dia da entrevista.

A reunião destinada às observações pela vidência acontecerá concomitante às entrevistas na casa espírita. Ela será aberta com um estudo evangélico (feito de preferência com o Evangelho Segundo o Espiritismo).

A duração desses estudos será de 30 minutos e sua finalidade, como afirmamos acima, é a de edificar o ambiente e os aspectos morais de todos os participantes.

Terminado o trabalho da evangelização, será dado início às observações, com a introdução no recinto de um paciente por vez. Na sala de exame haverá um auxiliar que se encarregará de dar passe no paciente, enquanto ele é observado. As observações serão anotadas numa guia de exames que será emitida na sala de entrevistas. Esses

apontamentos voltarão para os entrevistadores que farão a avaliação de cada caso e prescreverão o procedimento terapêutico.

Em nenhuma circunstância o paciente terá acesso aos apontamentos feitos pelo vidente na guia de exame ou na sua ficha pessoal. Essas informações são de propriedade da sociedade espírita e não poderão ser reveladas a pessoas estranhas.

Na guia de apontamentos, o vidente vai escrever sobre o que viu ao lado do paciente, sendo desnecessário fazê-lo na íntegra.

Ele fará um resumo do que viu, fazendo anotações tais como: “Observamos um Espírito sofredor ao lado do paciente. Tive a impressão de ser um parente dele”, “Vimos um Espírito escuro próximo do paciente”; “Observamos imagens com velas acesas”; “Existe um Espírito de terreiro perto do paciente”, “Notamos um Espírito junto do paciente, querendo vingar-se dele”; “Tive a intuição de que o paciente tem uma vida moral desregrada” etc.

Quando o vidente possuir boa intuição ele poderá anotar algum detalhe que lhe parecer pertinente na guia de observações.

### 3.0 - Princípios do tratamento

Allan Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, assim se manifesta sobre os mecanismos da obsessão e seus princípios de tratamento:

“Assim como as doenças são resultados das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas do exterior, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um mau Espírito. A uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral, é necessário opôr-se uma força moral. Para preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para garantir contra a obsessão, é necessário fortificar a alma. Disso resulta que o obsedado precisa trabalhar para sua própria melhoria, o que na maioria das vezes é suficiente para o livrar do obsessor, sem socorrer-se de outras pessoas. Esse socorro se torna necessário, quando a obsessão degenera em fascinação e subjugação, porque o paciente perde, por vezes, a sua vontade e o seu livre arbítrio” – (Capítulo 28:81).

Para se curar uma doença física, o médico deve examinar o caso de modo a descobrir quais os motivos que levaram ao aparecimento da enfermidade. Depois do diagnóstico, ele prescreve o tratamento clínico ou cirúrgico, segundo um julgamento lógico e científico. Mais tarde, avaliará os resultados pondo fim ao tratamento, ou dando continuidade a ele, se necessário for.

Na terapêutica destinada ao tratamento da obsessão, pode-se proceder com metodologia parecida, já que as causas dos distúrbios obsessivos são diversificadas e instalam-se na mente do obsediado por causa de uma fraqueza ou falha existente no seu organismo moral.

O primeiro passo será fazer uma pesquisa em torno da vida do paciente, procurando detectar os principais vetores comportamentais por onde está atuando a obsessão. Como se viu no capítulo “Diagnóstico da Obsessão”, isso poderá ser feito através da entrevista e de exames mediúnicos. A partir daí se tomarão os procedimentos terapêuticos que se julgar mais conveniente ao sucesso do tratamento. No Espiritismo o principal remédio é a instrução moral dada do enfermo e ao Espírito que o atormenta.

**3.1 – Aspectos morais do paciente:** A Doutrina Espírita ensina que a evangelização (orientação moral) é fundamental na recuperação dos obsedados. No entanto, deve-se ter o cuidado para que essa idéia não seja radicalizada a ponto de não se querer ajudar os que não querem estudar o Espiritismo. Alguns dirigentes pensam que evangelizar é fazer com que o indivíduo matricule-se em cursos espíritas, ou que frequente o centro durante alguns anos para melhorar-se. É evidente que isso seria o desejável, mas a maioria dos seres humanos não carrega consigo tanta vontade de evangelizar-se, nem de se dedicar ao trabalho com Jesus.

A questão é a seguinte: uma pessoa que não tenha muito interesse pelas coisas divinas pode ser ajudada pela equipe de desobsessão? O bom-senso diz que sim, que o socorro não pode ser negado a ninguém que procure a casa de caridade para ser amparado. Quando o Cristo esteve na Terra, realizava suas curas sem nada exigir ou perguntar de que crença os doentes eram. Simplesmente indagava se o enfermo tinha fé e se acreditava que poderia ser curado. Encontrando tais convicções, o Mestre fazia sua desobsessão e cura dos perturbados, pois sabia que essa ajuda espiritual mais tarde contribuiria para o despertar das consciências. Aos pecadores, aconselhava-os a não errar mais. Nos centros espíritas pode-se perfeitamente fazer o mesmo. Curar, sem exigir nada em troca. Se o paciente, depois de curado, quiser seguir outro caminho religioso, não se deve impedi-lo. O Espiritismo não é uma doutrina exclusivista. Mais tarde, o paciente acabará sendo reconduzido ao encontro com a verdade do Consolador.

A desobsessão não exige do enfermo que atinja o grau de “santidade” para que seja liberto do seu obsessor. Às vezes, basta que ele mude algumas atitudes perante a vida ou sua maneira de ver certas coisas para que a libertação aconteça. A experiência o tem demonstrado.

Existem casos em que a cura é demorada e outros onde não se conseguem resultados satisfatórios. Mas a maioria das enfermidades obsessivas pode ser aliviada e mesmo curada em tempo que varia de 30 a 90 dias de tratamento.

#### **4.0 – Técnicas de desobsessão**

Alguns estudiosos do Espiritismo afirmaram que não existem técnicas para se tratar da obsessão e chegaram a depositar nas mãos dos Espíritos ou do tempo, a solução de casos, que se classificavam desde os mais comuns, até os mais graves na patologia obsessiva. Como veremos, as coisas não são tão simples assim. Existem fatores e providências que precisam ser observados nesse procedimento terapêutico, para que se consiga libertar definitivamente uma pessoa obsedada do seu obsessor. A isso denominamos técnicas de desobsessão.

A desobsessão envolve uma série de condutas tendo em vista livrar o obsediado de sua prisão mental. A técnica básica do tratamento da obsessão fundamenta-se na doutrinação dos Espíritos envolvidos, encarnados e desencarnados. Doutrinar, significa instruir em uma doutrina. É isso que se vai fazer com o paciente, com sua família, se necessário, e com o Espírito que lhe atormenta. Atualmente o termo “doutrinar” vem sendo mudado por “esclarecer”, que na verdade é a mesma coisa. Tudo uma questão de forma.

**4-1 - Doutrinação do obsediado (indireta e direta):** Allan Kardec afirma que a pessoa obsedada precisa trabalhar para seu melhoramento moral e, diz textualmente, que a cura de quase todos os casos de obsessão têm solução através desse esforço. Portanto, a equipe de desobsessão deverá ajudá-la nesse procedimento de automelhoramento. Para isso se valerá da instrução direta e indireta do paciente. Veremos em outra parte do trabalho, que existem vários procedimentos (denominados coadjuvantes), que poderão ajudar o paciente nesse processo de libertação. Nessa parte do trabalho, porém, vamos falar somente da instrução considerada fundamental: a orientação na sala de entrevistas e o esclarecimento através das palestras.

Para o tratamento da maioria dos casos de obsessão, a instrução dada na sala de entrevista não será necessária. Basta que o paciente seja submetido às orientações vindas por meio das palestras doutrinárias (doutrinação indireta), realizadas nas reuniões públicas da casa. Associa-se a esse trabalho orientador, um ou dois métodos coadjuvantes e o resultado não demorará a aparecer.

É importante salientar que as reuniões de palestras públicas são as que se revestem de maior gravidade, justamente porque encarrega-se de despertar um novo homem cristão, sábio, bom e justo. Para maiores detalhes sobre a realização desse trabalho, consultar o documento “Reuniões Públicas”, disponível no Grupo Espírita Bezerra de Menezes ou na Internet.

Nos casos de obsessão grave, que envolvam processos em degeneração, subjugação ou fascinação, será fundamental que o paciente tenha instrução semanal na sala de entrevistas (doutrinação direta). São situações em que a pessoa enferma está sem condições de agir pela sua vontade ou tomar decisões a respeito de sua conduta. É nesse ponto que deverá entrar a orientação moral da Doutrina Espírita, ministrada por pessoa convenientemente preparada.

**4-2 - Doutrinação do Espírito obsessor:** O codificador do Espiritismo, Allan Kardec, se expressa nos seguintes termos, a respeito da necessidade de se doutrinar Espíritos obsessores:

“Nos casos de obsessão grave... Faz-se também necessário, e acima de tudo, agir sobre o ser inteligente, com o qual se deve falar com autoridade, sendo que essa autoridade só é dada pela superioridade moral. Quanto maior for essa, tanto maior será a autoridade. E ainda não é tudo, pois para assegurar a libertação, é preciso convencer o Espírito perverso a renunciar aos seus maus intentos; despertar-lhe o arrependimento e o desejo do bem, através de instruções habilmente dirigidas com a ajuda de evocações particulares, feitas no interesse de sua educação moral” – (Capítulo 28:81).

Está claro que não se pode extinguir as obsessões graves se não houver um trabalho feito junto do Espírito obsessor, para convencê-lo a deixar de perturbar o obsediado. Isso só poderá ser feito por meio de sessões mediúnicas realizadas exclusivamente para esse fim (o paciente nunca deve estar presente). Através de evocações particulares, pode-se conseguir contato com o Espírito perturbador, obter dele informações dos motivos da perseguição e instruí-lo para que abandone seus intentos.

Todos os fatos narrados nessas comunicações mediúnicas são de caráter íntimo e não deverão ser revelados nem para o paciente, nem para outros membros do Centro Espírita que não façam parte da equipe que cuida dessa tarefa. Pode-se dizer a uma pessoa que ela tem um problema espiritual e que será ajudada pela casa espírita, sem que se tenha de tratar de detalhes com ela. Dizer a alguém que está perturbado, que ele foi um carrasco ou um suicida numa outra encarnação, só vai complicar sua situação mental e deixá-lo mais desequilibrado ainda.

Ressaltamos que as condições morais elevadas do doutrinador e dos médiuns que vão tratar das evocações e instrução de obsessores são essenciais para o sucesso da tarefa libertadora nos procedimentos desobsessivos.

**4-3 - Doutrinação da família do obsediado:** Na patologia obsessiva é muito comum se encontrar casos de obsessão que envolva a responsabilidade familiar nas causas da enfermidade. Algumas famílias são formadas por Espíritos que viveram juntos em encarnações passadas e cometeram delitos graves contra alguém que, mais tarde, por guardar ódio no coração, tornou-se um obsessivo. Quando nas investigações em torno da obsessão se suspeitar desse envolvimento, convém que a família do perturbado seja convidada a frequentar a casa espírita pelo menos durante o período de tratamento. Isso poderá facilitar e apressar a obtenção de resultados satisfatórios.

Durante esse período de estadia da família nas sessões públicas, a Espiritualidade terá condições de inspirar bons pensamentos e resoluções junto aos seus membros, ajudando-lhes a encontrar novos caminhos para suas vidas.

Mesmo sem ter esse tipo de envolvimento, é muito importante que a família do assistido seja conscientizada de suas responsabilidades a fim de dar o apoio necessário ao doente, ajudando sobremaneira na recuperação deste, se souber agir com equilíbrio.

## **5.0 – Meios coadjuvantes**

No tratamento da obsessão, chamamos de meios coadjuvantes as técnicas que complementam a instrução moral básica (direta e indireta) dos Espíritos envolvidos. São, por assim dizer, os meios mecânicos, com os quais se deve complementar o aspecto instrutivo. Sempre que possível, esses poderosos auxiliares deverão ser aplicados na terapêutica desobsessiva, pois se constituem em elementos que ajudarão a recuperação do paciente.

**5-1 – Fluidoterapia:** Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, fala da necessidade da fluidoterapia no tratamento das obsessões da seguinte maneira:

“Nos casos de obsessão grave, o obsediado está como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É necessário livrá-lo desse fluido. Mas um mau fluido não pode ser repellido por outro da mesma espécie. Por uma ação semelhante ao que o médium curador exerce nos casos de doença, é preciso expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reagente. Essa é a que podemos chamar de ação mecânica...” – (Capítulo 28:81).

Os grupos que se dedicam à terapia desobsessiva deverão utilizar da fluidoterapia como um dos auxiliares no tratamento dos pacientes. Ela deverá ser ministrada semanalmente ao enfermo, através do passe (magnetização) e da água fluidificada, importante veículo que conduz o magnetismo humano e espiritual aos enfermos.

Nos casos de obsessões mais graves (degeneradas), os enfermos deverão receber magnetização, se possível, por mais de um passista. Isso será feito uma vez por semana, nas dependências do Centro Espírita, no período que antecede a palestra pública. Nos casos de extrema gravidade, a magnetização poderá ser feita diariamente, com visitas à casa do paciente.

Os passistas são os instrumentos utilizados pelos Espíritos para fortalecer o organismo perispiritual do doente, debilitado pela obsessão. A equipe deverá ter vida moral sadia, liberta de vícios grosseiros. Vivendo de forma equilibrada, esses companheiros estarão em condições espirituais para ajudar os sofredores, doando-lhes seus fluidos curativos.

O passe coletivo pouco ou nada significa para a desobsessão e deve ser usado só em casos onde, por falta de trabalhadores ou espaço, não puder ser aplicado individualmente.

Como vimos, na obsessão a atmosfera fluidica que circunda o paciente se torna sombria. O enfermo tem dificuldades para elevar seus pensamentos que jazem sob a opressão do baixo magnetismo, vindo das ligações psíquicas com o obsessivo.

É preciso ajudá-lo a sair dessa situação e a fluidoterapia é um poderoso auxiliar dessa libertação.

Um grupo de passistas poderá projetar sobre a pessoa obsediada uma significativa carga de fluidos magneticamente elevados, expulsando do seu campo vibratório, as energias negativas.

**5.2 – Leitura de livros espíritas:** Quando a situação psicológica do paciente for favorável será importante aconselhá-lo a ler alguns textos espíritas. No entanto, é preciso ter o cuidado de não sobrecarregar de leituras a mente enferma. Alguns enfermos obsidiados ficam com seu psiquismo confuso. No desespero, tendem a ler livros doutrinários dia e noite, favorecendo a obsessão e o desequilíbrio.

Na desobsessão, podemos aconselhar uma leitura diária leve, durante 20 ou 30 minutos. Os livros recomendados são os que trazem mensagens leves. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Jesus no Lar (psicografia de Francisco Cândido Xavier) e outros do gênero poderão ser utilizados. Não se deve aconselhar que o enfermo estude O Livro dos Espíritos, A Gênese, O Livro dos Médiuns ou qualquer outro que exija um raciocínio mais profundo.

**5.3 - Mensagens doutrinárias:** Pequenas mensagens espíritas, mediúnicas ou não, devem ser distribuídas ao povo e aos enfermos portadores de obsessão, nas reuniões públicas. Além de esclarecer pequenas dúvidas, elas também

constituem-se em forte elemento de sustentação emocional para a recuperação da normalidade psíquica dos perturbados.

As mensagens mais comuns são as psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco.

**5.4 – Prece:** A equipe responsável pelas entrevistas, deverá instruir o obsediado a orar todos os dias para facilitar sua libertação. A prece eleva o Espírito, liberta-o momentaneamente e o coloca em contato com as fontes energéticas do Bem. Alguns enfermos, por causa de sua doença obsessiva, não conseguem orar. Nesses casos, um outro membro da sua família poderá ajudá-lo, orando ao seu lado e, se necessário, em voz alta. Caso o paciente esteja em condições psíquicas para fazer a prece, ele será instruído a realizá-la, não só de coração, mas também proferindo o tradicional “Pai Nosso”, que se reveste de importância especial para o tratamento das perturbações espirituais (ver documento doutrinário “A importância do Pai Nosso”, disponível na Internet).

“Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar da ação contra o Espírito obsessor” – (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, 28:81).

**5.5 - Trabalho no Bem:** Quando as condições psicológicas forem satisfatórias, deve-se orientar o paciente para que ocupe seu tempo com alguma atividade material. Os pacientes com obsessão costumam apresentar uma espécie de inércia psíquica. O enfermo carrega consigo uma tendência a afastar-se do trabalho e das relações com o mundo exterior. Seu mundo mental tende a fechar-se em si mesmo. A desobsessão precisa abrir este caminho e exteriorizar o mundo mental do paciente, trazendo-o novamente para a vida. O Espírito tem como um dos seus atributos ser útil. O trabalho é para ele uma normalidade. Só deixa de sê-lo quando ele está enfermo. A ocupação é, pois, um remédio capaz de contribuir para a melhoria ou cura de muitas enfermidades mentais, inclusive a obsessão.

**5.6 - Cuidados médicos:** As obsessões graves podem levar alguns pacientes a um estado grave de desequilíbrio psíquico. Há casos crônicos em que a influência obsessiva atinge o organismo físico provocando enfermidades. Isso ocorre por causa do enfraquecimento fluídico do perispírito, fato comum nas obsessões.

Quando um paciente obsediado é trazido ao Centro Espírita para tratamento, uma das primeiras perguntas que se deve fazer a ele ou à sua família é se já fez consulta médica. Caso ele já estiver medicado pela medicina terrena, o dirigente ou entrevistador não deverá suspender nenhuma medicação.

**Importante** - Só o médico poderá suspender o uso dos remédios. Com resultados satisfatórios no tratamento de desobsessão, o paciente começará a depender menos da medicação sedativa que utiliza. O entrevistador, quando perceber isso, poderá encaminhar o enfermo para uma avaliação junto do profissional competente. Se o médico achar conveniente, verificando suas condições psíquicas e emocionais, poderá suspender ou diminuir a dose da medicação utilizada. A responsabilidade pela suspensão ou alteração medicamentosa será inteiramente do profissional que é devidamente habilitado para isso.

**Nota** - Durante a entrevista, se o paciente informar que teve crises de ausência, desmaios ou dores de cabeça repentinas, deve-se ter o cuidado de averiguar se ele está em tratamento médico convencional. Caso isso não tenha sido feito, a equipe de atendentes cuidará do paciente, mas solicitará que consulte um profissional especializado. Tem-se que levar em consideração que existem anormalidades do cérebro físico, que são capazes de produzir sintomas emocionais e psíquicos, semelhantes à obsessão.

Conclusão

No trabalho que apresentamos, relembramos alguns conceitos doutrinários conhecidos e falamos da necessidade de se lidar com a obsessão de maneira racional, valendo-se de técnicas para se conseguir resultados satisfatórios no seu tratamento. Esperamos que esses escritos tenham contribuído para edificar o conhecimento dos que lidam com a problemática obsessiva nas casas espíritas. Todo esse processo de atendimento, de investigação e tratamento das obsessões pode e deve ser organizado de maneira prática e objetiva. O Grupo Espírita Bezerra de Menezes já fez essa organização e tem um estudo à disposição dos interessados, mostrando detalhes de todas essas fases do tratamento das perturbações espirituais. Esse trabalho doutrinário está à disposição das sociedades espíritas, assim como, os dirigentes que quiserem, poderão verificar “in loco” seu funcionamento.

## A evocação dos Espíritos

Autor: *Grupo Espírita Bezerra de Menezes*

Índice:

- 1.0 - Introdução
- 1.1 - A obsessão e seu tratamento espírita
- 1.2 - Textos que lançaram dúvidas nas evocações
- 1.3 - Dificuldades nas evocações
- 1.4 - Quais Espíritos podem ser evocados
- 1.5 - O Certo e o errado nas evocações
- 1.6 - Conclusão

## **1.0 - Introdução**

Nas obras básicas da Doutrina Espírita não há nenhuma orientação no sentido de impedir ou desaconselhar a evocação dos Espíritos. No Movimento Espírita, no entanto, existe uma idéia generalizada de que as equipes mediúnicas não devem evocar os desencarnados nas suas sessões práticas.

Esse posicionamento antidoutrinário trouxe muitos prejuízos ao trabalho dos centros espíritas e não se sabe ao certo qual a razão de ter sido absorvido com tanta facilidade pelos praticantes do Espiritismo. O problema parece ter surgido, mais uma vez, por causa da má interpretação que se costuma dar aos livros e à aceitação cega de tudo o que dizem os médiuns e os Espíritos.

A orientação contrária às evocações teve origem em um posicionamento tomado pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier). Devido ao tipo de trabalho que desenvolvia através da sua conceituada mediunidade, confortando os que haviam perdido seus entes queridos, uma multidão de pessoas passou a procurá-lo com a intenção de conseguir notícias de seus amados. É claro que, por uma série de motivos explicados pela teoria doutrinária, nem todos os Espíritos desencarnados encontram-se em condições de produzir mensagens consoladoras. Para desculpar-se com aqueles que o procuravam e que não podia atender, o médium criou o conhecido slogan "o telefone toca de lá para cá e não daqui para lá". Esta instrução, específica à situação do próprio médium, foi suficiente para que seus seguidores incorporassem e generalizassem a idéia de que não se deveria chamar os Espíritos para comunicações e sim aguardar suas manifestações livremente.

O pensamento de Chico Xavier acerca do assunto parece ter refletido ainda nas comunicações dos espíritos Emmanuel e André Luiz que, em mensagens publicadas nos livros "O Consolador" e "Desobsessão", sugeriram que as manifestações só deveriam ser espontâneas. Não bastasse o prejuízo causado por essas colocações divulgadas por editores sem maiores cuidados com a pureza da doutrina kardequiana, a Federação Espírita Brasileira - FEB, colocou esta informação no seu livreto "Orientação aos Centros Espíritas", trazendo para os núcleos um prejuízo significativo.

Estas duas consideráveis fontes de informação, auxiliadas pela divulgação boca-a-boca, esparramaram no Movimento Espírita uma instrução contrária ao pensamento de Allan Kardec e à própria Codificação, fato que prejudicou o funcionamento das casas espíritas, limitando suas atividades mediúnicas e mantendo-as num nível primário.

### **1.1 - A obsessão e seu tratamento espírita**

O Espiritismo ensina que existem várias formas de obsessão e que elas podem ser classificadas quanto às suas causas e intensidade. Allan Kardec informa que as obsessões comuns, que ele denominava "obsessão simples", podem ser curadas por um esforço de melhoria moral do próprio enfermo. Esses processos obsessivos encontram solução em qualquer reunião de explanação evangélica que predisponha o indivíduo a modificar-se intimamente. Curas que também acontecem nas igrejas evangélicas bem orientadas. Basta que as disposições morais do doente sofram qualquer progresso para que as ligações com os obsessores sejam rompidas.

Quando, no entanto, se considera o tratamento de obsessões degeneradas, que apresentam situações de fascinação e subjugação, o procedimento terapêutico se modifica radicalmente. O Codificador é claro ao dizer que, nessas condições, faz-se necessário evocar o Espírito obsessor através de um médium preparado, para educá-lo com instruções morais habilmente colocadas.

Allan Kardec diz em O Livro dos Médiuns, item 270: "*Quando se quer comunicar com um Espírito determinado é absolutamente necessário evocá-lo*".

Se não há evocações no centro espírita, é evidente que a casa fica impedida de curar as obsessões de natureza grave. Um ou outro caso desse tipo poderá ser curado através de manifestações espontâneas eventuais. Porém, se houver um número razoável de enfermos em tratamento, não haverá como controlar o fluxo de informações vinda dos médiuns sem as evocações nominais e controladas.

A desobsessão exige estudo de causas. Uma equipe mediúnica preparada para esta tarefa tem que sondar os motivos que levaram a pessoa àquele estado de enfermidade espiritual, estudar as delicadas nuanças existentes nos processos obsessivos, orientando desencarnado e encarnado para reconduzi-los ao equilíbrio. Não dá para compreender a desobsessão sem a evocação.

Se impedirmos a evocação dos Espíritos, todo um campo de pesquisa se fecha e com ele a possibilidade de se aprender com o método kardequiano de investigação.

## 1.2 - Textos que lançaram dúvidas nas evocações

Estes são os textos que lançaram dúvidas no Movimento Espírita a respeito das evocações dos Espíritos. Opiniões assinadas pelas entidades André Luiz e Emmanuel que, tomadas ao pé da letra, provocaram o impedimento das relações diretas com os desencarnados, conforme o desejo do evocador.

Livro: DESOBSCESSÃO

Espírito: André Luiz

Médiun: Francisco Cândido Xavier

*"No curso do trabalho mediúnico, os esclarecedores não devem constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, repetindo ordens ou sugestões nesse sentido, atentos ao preceito de espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio" - (Manifestação do enfermo espiritual - III).*

Livro: O CONSOLADOR

Espírito: Emmanuel

Médiun: Francisco Cândido Xavier

Pergunta 369: É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?

Resposta: *"Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum. Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento de seu coração.*

*Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada à necessidade e méritos distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns".*

Livro: O CONSOLADOR

Espírito: Emmanuel

Médiun: Francisco Cândido Xavier

*"Não é justo provocar ou forçar a comunicação com esse ou aquele desencarnado. Além de não conhecerdes as possibilidades de sua nova condição na esfera espiritual, deveis atender o problema de vossos méritos".*

*"Qualquer comunicação com o invisível deve ser espontânea, e o espiritista cristão deve encontrar na sua fé o mais alto recurso de cessação do egoísmo humano ponderando quanto à necessidade de repouso daqueles a quem amou, e esperando a sua palavra direta, quando e como julguem os mentores espirituais conveniente e oportuno" - (Questão 380).*

As colocações feitas nesses textos por André Luiz e Emmanuel, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, foram interpretadas de modo inadequado e estabeleceram limites prejudiciais ao desenvolvimento dos médiuns psicógrafos e psicofônicos.

Emmanuel, colocando Allan Kardec na esfera dos missionários, põe a evocação como sendo objeto de uso particular dos que são mestres, inatingível, portanto, aos comuns. Deixa transparecer a idéia de que os trabalhadores espíritas devem estar sempre à espera do invisível, aguardando sua justa decisão. Nas obras básicas não há nenhuma instrução ministrada pelo Codificador ou pelos Espíritos superiores que corroborem tais afirmativas.

José Herculano Pires, um dos mais conceituados estudiosos da Doutrina Espírita no Brasil, já dizia que posições extremadas em relação às obras complementares devem ser evitadas. Esta nos parece uma situação assim. Por mais respeito que mereçam o médium e as entidades citadas, acreditamos que suas revelações em torno do assunto devam ser consideradas só como opiniões pessoais. As obras básicas apresentam argumentação bem mais consistente e, a não ser que o Controle Universal dos Espíritos o autorize, deve-se continuar dirigindo os trabalhos práticos de Espiritismo pelas instruções existentes na Codificação.

## 1.3 - Dificuldades nas evocações

Allan Kardec coloca alguns obstáculos às evocações dos Espíritos. Diz, por exemplo, que os médiuns que atendem às evocações precisam ter certa flexibilidade mediúmica. O problema, segundo ele, está nas relações fluídicas que a entidade evocada precisa estabelecer com o médium, para que exista a comunicação. Isso, no entanto, não deve constituir em impedimento à prática. A experiência tem demonstrado que o medianeiro normalmente recebe mensagens de variadas categorias de Espíritos desencarnados. O próprio Kardec ensina que aqueles que trabalham apenas com um certo tipo de entidade estão muito próximos da obsessão, pois o normal é que o médium estabeleça intermediação para certa variedade de manifestantes.

Essas variações naturais fazem com que, numa equipe de vários trabalhadores, seja possível contar com uma flexibilidade mediúmica capaz de fazer das evocações uma prática rotineira nos centros espíritas.

No Movimento Espírita acontece ainda um sério agravante: os médiuns são condicionados a se limitarem em sua capacidade de trabalho. A causa disso está no excesso de zelo e na inadequada e estranha interpretação da humildade que os dirigentes de reuniões mediúnicas impõem às equipes de médiuns. Há muitas pessoas em condições de produzir satisfatoriamente no campo da mediunidade; entretanto, caem na improdutividade por falta de orientação adequada.

Outra colocação feita pelo Codificador, e que merece atenção, é o fato das equipes que se prestam às evocações serem procuradas por interesses particulares. Ele diz que só com reservas esses pedidos devem ser atendidos, evitando que o médium se transforme em instrumento de consultas. O serviço de evocação demanda sobriedade e bom senso.

A última ressalva feita pelo Mestre Lionês trata dos médiuns iniciantes e das equipes despreparadas. Ele aconselha que os novatos não evoquem os Espíritos, por causa da inexperiência que naturalmente são portadores. Só a certeza do grau de maturidade da faculdade dos médiuns envolvidos no serviço de intercâmbio e dos Espíritos que assistem uma equipe mediúmica poderão garantir segurança e fidelidade nas evocações de desencarnados.

#### **1.4 - Quais Espíritos podem ser evocados**

Pode-se evocar qualquer Espírito, seja qual for o grau da escala a que pertença: os bons, os maus, os que viveram recentemente e os que viveram em épocas remotas, disse Allan Kardec. A Codificação é clara quando diz que é possível inclusive evocar os Espíritos maus, procedimento comum e rotineiro nas sessões de desobsessão das casas espíritas bem orientadas.

Não há qualquer inconveniente no procedimento de evocação dos Espíritos quando se trata de um fim sério. Caso a evocação seja feita com leviandade, os evocadores poderão cair sob o domínio dos Espíritos inferiores. Porém, os grupos bem orientados não terão dificuldades para lidar com as evocações, nem com as manifestações espontâneas. O Livro dos Médiuns apresenta um capítulo inteiro dedicado às evocações. Nele, não se encontra nenhuma referência negativa ao procedimento de evocação, a não ser os cuidados que uma equipe deve tomar para fazê-lo. O Codificador afirma textualmente que as duas maneiras de agir (manifestações espontâneas e evocações) têm suas vantagens e só haveria inconveniente na exclusão de uma delas. O que fundamenta a idéia de que se um centro espírita deixar de utilizar uma das duas formas de manifestações sofrerá prejuízos evidentes no seu trabalho doutrinário.

O dirigente consciente precisa buscar um estudo metódico do Capítulo XXV, de O Livro dos Médiuns, que trata a questão de forma madura e sensata.

Os textos abaixo, retirados das obras kardequianas, esclarecem a maior parte das dúvidas que pairam sobre a evocação dos Espíritos:

*"Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente ou atender ao nosso apelo, isto é, ser evocados. Algumas pessoas acham que não devemos evocar nenhum Espírito, sendo preferível esperar o que quiser comunicar-se. Entendem que chamando determinado Espírito não temos a certeza de que é ele que se apresenta, enquanto o que vem espontaneamente por sua própria iniciativa, prova melhor sua identidade, pois revela assim o desejo de conversar conosco. Ao nosso ver, isso é um erro. Primeiramente porque estamos sempre rodeados de Espíritos, na maioria das vezes inferiores, que anseiam por se comunicar. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, não chamar nenhum em particular é abrir a porta a todos que querem entrar. Não dar a palavra a ninguém numa assembleia é deixá-la livre a todos, e bem sabemos o que disso resulta. O apelo direto a determinado Espírito estabelece um laço entre ele e nós: o chamamos por nossa vontade e assim opomos uma espécie de barreira aos intrusos. Sem o apelo direto um Espírito muitas vezes não teria nenhum motivo para vir até nós, se não for um nosso Espírito familiar.*

*"Essas duas maneiras de agir têm as suas vantagens e só haveria inconveniente na exclusão de uma delas. As comunicações espontâneas não têm nenhum inconveniente quando controlamos os Espíritos e temos a certeza de não deixar que os maus venham a dominar. Então é quase sempre conveniente aguardar a boa vontade dos que desejam manifestar-se, pois o pensamento deles não sofre dessa maneira, nenhum constrangimento e podemos obter comunicações admiráveis, enquanto o Espírito evocado pode não estar disposto a falar ou não ser capaz de*

o fazer no sentido que desejamos. Aliás, o exame escrupuloso que aconselhamos é uma garantia contra as más comunicações.

"Nas reuniões regulares, sobretudo quando se desenvolve um trabalho sequente, há sempre Espíritos que as frequentam sem que precisemos chamá-los, pela simples razão de já estarem prevenidos da regularidade das sessões. Manifestam-se quase sempre espontaneamente para tratar de algum assunto, desenvolver um tema ou dar uma orientação. Nesses casos é fácil reconhecê-los, seja pela linguagem que é sempre a mesma, seja pela escrita ou por certos hábitos peculiares" - (Allan Kardec - O Livros dos Médiuns - Capítulo XXV, item 269).

Revista Espírita: Março de 1862

Artigo: *Aos nossos correspondentes*

Parágrafo: 5º

Circunstâncias: Allan Kardec demonstra que a evocação de Espíritos familiares era uma prática comum, mas que só se realizava na Sociedade dirigida por ele, em situações especiais. Diz, inclusive, que gostaria de consolar a multidão que o procuraria, caso atendesse a este tipo de solicitação, mas que não haveria tempo físico suficiente para isso. Explica que esse contato poderia ser feito por um médium da própria família dos interessados.

"Por outro lado, as evocações pessoais não podem ser feitas nas sessões da Sociedade senão quando ofereçam assunto de estudo instrutivo e de interesse geral. Fora disso, só se podem fazer em sessões especiais. Ora, para satisfazer a todos os pedidos não bastaria uma sessão diária de duas horas. Além do mais, há que considerar que todos os médiuns, sem exceção, que nos dão o seu concurso, fazem-no por mera gentileza e não admitem outras condições; e como têm as suas próprias obrigações nem sempre estão disponíveis, por maior que seja a boa vontade. Compreendendo todo o interesse que cada um liga às questões que lhe dizem respeito, sentir-me-ia feliz se pudesse a todos corresponder. Mas se levamos em conta que minha posição me põe em contato com milhares de pessoas, compreender-se-á minha impossibilidade de o fazer. É preciso imaginar que certas evocações não exigem menos de cinco ou seis horas de trabalho tanto para as fazer quanto para as transcrever e passar a limpo, e que todas as que me foram pedidas formariam um volume como *O Livro dos Espíritos*. Aliás, os médiuns se multiplicam diariamente e é raro não encontrar um na família ou entre os conhecidos quando não se é em pessoa - que é sempre preferível para as coisas íntimas. É uma questão de experimentar em boas condições das quais a primeira é a de se compenetrar bem, antes de qualquer tentativa, das instruções sobre a prática do Espiritismo se quiserem evitar as decepções.

"À medida que a doutrina cresce, minhas relações se multiplicam e aumentam os deveres de minha posição, o que me obriga negligenciar um pouco os detalhes em favor dos interesses gerais, porque o tempo e as forças do homem têm um limite e eu confesso que as minhas, de algum tempo para cá, me vão faltando e não posso ter o repouso que, por vezes, me seria tanto mais necessário quanto sou só para dar contas de tudo".

Revista Espírita: Julho de 1859

Artigo: *Discurso de encerramento do ano social da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.*

Parágrafo: 23º

"Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam na maneira de receber as comunicações de além-túmulo: uns preferem esperar as comunicações espontâneas; outros as provocam por um apelo direto a este ou aquele Espírito. Pretendem os primeiros que na ausência de controle para estabelecer a identidade dos Espíritos, esperando a sua boa vontade, ficamos menos expostos a ser induzidos em erro; desde que o Espírito fala é porque está presente e quer falar ao passo que não temos certeza de que aquele que chamamos possa vir e responder. Os outros objetam que deixar falar o primeiro que apareça é abrir a porta a bons e maus. A incerteza da identidade não é objeção séria, pois muitas vezes dispomos do meio de a constatar, sendo aliás a constatação objeto de um estudo ligado aos mesmos princípios da ciência. O Espírito que fala espontaneamente limita-se quase sempre às generalidades enquanto as perguntas lhe traçam um quadro mais positivo e mais instrutivo.

"Quanto a nós, apenas condenamos a exclusividade de sistemas. Sabemos que ótimas coisas são obtidas de um e de outro modo. E se preferimos o segundo, é que a experiência nos ensina que nas comunicações espontâneas os Espíritos mistificadores não deixam de enfeitar-se com nomes respeitáveis tanto quanto nas evocações. Têm mesmo o campo mais livre, ao passo que com as perguntas nós os dominamos muito mais facilmente, sem contar que as questões têm incontestável utilidade nos estudos. É a esta maneira de investigar que devemos a quantidade de observações recolhidas diariamente e que nos permitem penetrar mais profundamente nesses extraordinários mistérios. Quanto mais avançamos, mais se nos alarga o horizonte, mostrando o quanto é vasto o campo que devemos ceifar.

"As numerosas evocações que temos feito permitiram lançássemos o olhar investigador sobre o mundo invisível, de um a outro extremo, isto é, tanto naquilo que há de mais ínfimo quanto no que há de mais sublime. A incontável

*variedade de fatos e de caracteres brotados desses estudos realizados com calma profunda, com atenção contínua e com circunspeção prudente de observadores sérios, abriu-nos os arcanos desse mundo para nós tão novo".*

Revista Espírita: Setembro de 1859

Artigo: *Processo para afastar os maus Espíritos*

Parágrafo: 11º

*"As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas; pois a ninguém podem enganar. As que mais enganam são as que têm uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade, numa palavra, a dos Espíritos hipócritas e pseudo-sábios. Uns podem enganar de boa fé, por ignorância ou por fatuidade, outros só agem por astúcia. Vejamos qual o meio de nos desembaraçarmos deles. A primeira coisa é não os atrair e evitar tudo quanto lhes possa dar acesso.*

*"Como vimos, as disposições morais são uma causa preponderante. Entretanto, abstração feita dessa causa, o modo empregado não deixa de ter influência. Há pessoas que têm por princípio jamais fazer evocações e esperar a primeira comunicação espontânea saída do lápis do médium. Ora, se nos recordamos daquilo que ficou dito sobre a massa muito variada dos Espíritos que nos cercam, compreenderemos sem dificuldade que isso é colocar-se à disposição do primeiro que vier, bom ou mau. E como nesta multidão os maus predominam em número sobre bons, há mais oportunidade para os maus. É exatamente como se abrissemos a porta a todos os que passam pela rua; ao passo que pela evocação fazemos a escolha e, cercando-nos de bons Espíritos, impomos silêncio aos maus, que poderão, apesar disto, procurar por vezes insinuar-se. Os bons chegam mesmo a permiti-lo a fim de exercitar a nossa sagacidade em reconhecê-los. Neste caso, sua influência será nula".*

Revista Espírita: Abril de 1865

Artigo: *Resposta do Irmão morto ao Irmão vivo*

Parágrafo: 10º

*"Entretanto, há aqui um meio de atenuar a dificuldade (fluidica nas evocações). Em princípio, quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre evocar seu guia espiritual e perguntar se ela é possível. Em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento. Se tiver dificuldade ou impossibilidade, pedir-lhe que o faça através do guia do médium ou que aceite a sua assistência. Neste caso, o pensamento do Espírito chega de segunda mão, isto é, depois de haver atravessado dois meios. Compreende-se então quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se for por um Espírito obsessivo, ignorante ou orgulhoso a comunicação será alterada. Aqui, as qualidades pessoais do médium forçosamente representam um papel importante pela natureza dos Espíritos que atrai a si. Os mais indignos médiuns podem ter poderosas faculdades; mas, os mais seguros são os que a essa força juntam as melhores simpatias no mundo invisível. Ora, essas simpatias não são absolutamente garantidas pelo nome mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações que recebem".*

*"Podemos evocar todos os Espíritos, seja qual for o grau da escala a que pertençam: bons ou maus, os que deixaram recentemente a vida e os que viveram nas épocas remotas".*

*"...Os Espíritos se apresentam com a maior boa vontade e sobretudo são mais precisos com um médium que não lhes oferece obstáculos materiais" - (Allan Kardec - O Livro dos Médiuns, item 274).*

*"A evocação dos Espíritos vulgares nos põe em relação com os Espíritos sofredores, aos quais podemos levar alívio e colaborar no seu adiantamento. Há egoísmo em só procurar a própria satisfação nas relações com os Espíritos. Aquele que deixa de estender as mãos aos desgraçados dá prova de orgulho" - (Allan Kardec - O Livro dos Médiuns - item 281).*

### **1.5 - O certo e o errado sobre as evocações**

As evocações dos Espíritos podem causar danos aos evocadores.

**CERTO** - *Os grupos inexperientes podem ter dificuldades com os Espíritos evocados, caso eles sejam de natureza má. Por isso, é aconselhável evitar-se por um certo tempo as práticas evocatórias, até que já esteja garantida uma condição moral mínima e uma certa experiência de médiuns e evocadores no relacionamento com o mundo invisível.*

Allan Kardec evocava Espíritos porque era missionário e tinha que preparar a Codificação.

**ERRADO** - *Em nenhum momento o Codificador ou os Espíritos superiores que trabalhavam com ele deixaram transparecer tal idéia. Na prática do Espiritismo kardequiano as evocações são uma rotina que se liga ao*

*tratamento da obsessão, às pesquisas mediúnicas e à busca de informações sobre a situação de certas entidades no mundo invisível.*

Por causa da evolução da humanidade, hoje não são mais necessárias as evocações.

*ERRADO - Aqueles que afirmam tal coisa geralmente são adeptos que não trabalham em centros espíritas, nem possuem noção dos métodos utilizados na área da mediunidade para atender a necessidade da massa humana sofredora, seja no campo da consolação ou desobsessão. No Brasil, há muitos espíritas teóricos opinando em setores dos quais não possuem qualquer conhecimento prático. A evocação, quando bem utilizada, produz benefícios salutarres a pessoas que dela necessitam. A experiência o comprova.*

Nas relações com os Espíritos, o telefone toca de lá para cá e não daqui para lá.

*ERRADO - Este "slogan" foi criado por Francisco Cândido Xavier para justificar a impossibilidade de atender ao grande número de pessoas que o procuravam, solicitando mensagem da parentela desencarnada. Nada tem a ver com as evocações dos Espíritos.*

Só devemos evocar os Espíritos em condição de muito respeito.

*CERTO - Não se deve praticar o Espiritismo sem um posicionamento moral sadio e respeitoso. A Doutrina Espírita é fonte de abençoadas realizações, mas o trabalho no campo do intercâmbio espiritual pode tornar-se causa de graves contaminações obsessivas, se não forem tomadas medidas de muita cautela. Nunca são demais os cuidados que possam prevenir a obsessão e a interferência de Espíritos obsessores nos trabalhos mediúnicos.*

Não se pode fazer evocações visando interesses particulares.

*EM TERMOS - Allan Kardec aconselha não se fazer evocações para atender interesses materialistas. Mas diz que é perfeitamente possível solicitar informações sobre a situação de desencarnados no plano invisível, para confortar parentes em estado de sofrimento. Hoje há no Brasil vários grupos que produzem mensagem semelhantes às de Francisco Cândido Xavier. Este é mais um serviço que o Espiritismo presta no sentido de confortar e esclarecer os que sofrem.*

Não precisamos fazer evocação oral, porque nós já a fazemos mentalmente.

*ERRADO - Raciocínio simplista que não encontra fundamento na Codificação. Ninguém pode ter certeza que o próprio pensamento seja capaz de gerar a condição vibratória e moral para que o evocado atenda seu chamado. Allan Kardec mostra que em alguns casos essa evocação mental acontece, mas que não se trata de uma regra geral. Ele aconselha, inclusive, que se evoque com muito fervor para que a manifestação aconteça.*

Há fatores que devem ser levados em consideração para o sucesso das evocações.

*CERTO - São eles: a condição moral da pessoa ou grupo que evoca, o local onde se evoca e a finalidade da evocação. Uma pessoa sem a condição moral mínima para realizar trabalhos práticos de Espiritismo poderá sofrer a influência de Espíritos menos esclarecidos ou galhofeiros que causarão interferências nas mensagens. Há menos possibilidade disso acontecer com espíritas dedicados ao seu próprio aperfeiçoamento moral.*

*O ambiente onde se vai evocar um Espírito desencarnado deve ser apropriado ao recolhimento necessário nessas ocasiões. Também devem ser levadas em conta as disposições morais dos presentes. As pessoas reunidas numa sessão de Espiritismo formam em torno de si uma atmosfera espiritual, sadia ou insalubre, conforme a intimidade de cada um. As evocações são facilitadas quando os membros da reunião mediúnica dedicam suas vidas ao estudo e à prática do Bem.*

*Não se deve evocar os Espíritos por motivos fúteis. As evocações devem ser feitas a título de estudo, investigação das condições espirituais dos desencarnados e para tratamento das obsessões. Os médiuns e evocadores devem estar investidos de um sincero desejo de instruir-se com a manifestação proposta.*

Os Espíritos podem não atender ao nosso chamado.

*CERTO - Existem duas causas para um Espírito não atender a evocação. Uma delas se prende à sua própria situação no plano invisível. Ele pode estar ocupado com alguma missão ou tarefa; pode estar encarnado; ou simplesmente não desejar se manifestar. A outra se prende aos evocadores. A condição do evocador pode não ser a ideal; o meio onde está sendo feita a evocação, inadequado; uma finalidade fútil etc.*

Para as evocações são necessários médiuns especiais.

*EM TERMOS - A teoria de O Livro dos Médiuns explica que nas evocações em que se deseja obter respostas precisas são necessários médiuns positivos e eles são raros. Mas, para se atender às evocações convencionais, basta se possuir na equipe alguns médiuns flexíveis. Eles são facilmente encontrados.*

*A Doutrina Espírita ensina que para ocorrer a manifestação mediúnica de um Espírito desencarnado, é preciso haver uma certa afinidade fluídica entre ele e o médium. Mas essa condição fluídica não é absoluta. Se o fosse, o médium só receberia um Espírito que fosse igual a ele.*

*A experiência demonstra que a condição moral e fluídica de qualquer médium varia entre dois extremos máximo e mínimo, o que permite que ele atenda a manifestações diversas, tornando-se assim, flexível.*

*Alguns medianeiros, por um posicionamento mental inadequado ou por causa de sua característica de personalidade, tendem a receber só um tipo de Espírito. O Codificador, no entanto, demonstra que esta não é uma situação normal. Uma equipe de cinco ou seis médiuns educados oferecerá possibilidades para se realizar quase todos os tipos de evocações, menos as de respostas precisas.*

As manifestações espontâneas são menos perigosas que as evocações.

**ERRADO** - *Allan Kardec mostra justamente o contrário. Ele diz que a evocação traça laços entre o evocador e o Espírito evocado, que impedem ou pelo menos limitam a interferência de um Espírito mistificador nas mensagens. O Codificador afirmava textualmente que preferia trabalhar com as evocações.*

Allan Kardec desprezava as manifestações espontâneas porque elas não tinham valor de autenticidade.

**ERRADO** - *Allan Kardec dizia que os grupos deveriam trabalhar com os dois métodos, as evocações e as manifestações espontâneas, pois deixar de praticar um deles só traria desvantagens para a sociedade espírita. Há belas coisas que se consegue com as comunicações livres e outras que não se pode fazer sem as evocações. Um grupo maduro trabalha com a espontaneidade das comunicações e utiliza as evocações quando são necessárias.*

Os Espíritos nem sempre estão às nossas ordens.

**CERTO** - *A liberdade de se evocar os Espíritos não quer dizer que eles estejam às nossas ordens, sempre prontos a atender quem os chame. Deve-se fazer as evocações nominais com humildade, sem nada exigir. Não temos domínio sobre o mundo invisível que, além disso, tem suas próprias leis. Evocamos nominalmente e aguardamos a ação dos instrutores espirituais. Se o Espírito não vier, deve ter havido um motivo justo para isso. Se a equipe quiser saber a causa, ela poderá solicitar a um dos guias da casa que esclareça a razão da negativa. Seria bem tolo aquele que acreditasse ter os Espíritos sob o seu jugo.*

A superioridade moral é imprescindível para as evocações.

**CERTO** - *A superioridade moral não significa um estado de santidade dos evocadores. Mas é preciso que o evocador seja moralmente melhor que os homens comuns. De outro modo, não terá autoridade para falar com os Espíritos. Essa condição não é necessária só para as práticas evocativas, mas é também de relevante importância no relacionamento com as manifestações espontâneas, com o público encarnado etc. A moral é fator preponderante no sucesso das atividades espíritas.*

Emmanuel proibiu as evocações.

**ERRADO** - *Ninguém disse que ele proibiu as evocações. O que os estudos demonstraram é que sua opinião, embora respeitável, contraria as instruções da Codificação e tudo o que Allan Kardec pensou e escreveu sobre o assunto. Não deve refletir uma postura doutrinária universal e sim opinião de um Espírito, apenas.*

Os artigos sobre evocações são uma ação das trevas visando atingir o trabalho do médium Francisco Cândido Xavier.

**ERRADO** - *Quem lançou esta idéia no movimento foram alguns apaixonados admiradores de Chico Xavier, que não admitem que sua obra seja questionada. Como a análise das mensagens que falam sobre o assunto mostrava uma patente contradição entre o espírito que assinou Emmanuel e as preciosas lições de Allan Kardec, eles disseram que os artigos eram uma ofensa ao médium mineiro e que ele estava sendo alvo do mal. Entretanto, não fizeram nenhuma contra-argumentação fundamentada na lógica e nos estudos da Codificação, ficando, portanto, sem validade suas acusações.*

Emmanuel disse para não evocarmos Espíritos porque ele achava que o movimento não tinha condição para essas práticas.

**ERRADO** - *Ele disse que não aconselhava a evocação em circunstância alguma. Nada explicou sobre a suposta situação deficitária do Movimento Espírita. Ao que se sabe, ele nada fez para modificar o estado primário das práticas mediúnicas que, desde sua manifestação em "O Consolador", mantém-se com a mesma mentalidade. Se fosse uma questão de despreparo moral e experimental dos espíritas, Emmanuel poderia ter mostrado onde estavam as deficiências e quais seriam os meios de saná-las.*

## **1.6 - Conclusão**

O Movimento Espírita, por não estar habituado ao raciocínio e à observação racional dos fenômenos espíritas, atrelou-se a uma prática mediúcnica indevida, elegendo as manifestações espontâneas como sendo a única forma de se ter um contato seguro com os Espíritos desencarnados. Como vimos nesse estudo, Allan Kardec nos alerta que esse tipo de manifestação é justamente o que oferece mais perigo aos seus praticantes.

Cabe aos dirigentes espíritas sérios refletirem maduramente sobre os métodos que estão sendo usados nos centros espíritas sob sua responsabilidade, procurando ajustá-los às instruções deixadas diretamente pelo Codificador.

Conta-se que Emmanuel, certa feita, teria dito a Francisco Cândido Xavier que se um dia ele ministrasse instruções que contrariassem Allan Kardec, que fossem deixadas de lado e que seguisse com o Codificador. Talvez o abnegado Espírito estivesse prevendo algum problema para o futuro do seu trabalho junto ao médium mineiro. Essa foi uma situação em que uma mensagem assinada por ele contrariou frontalmente as instruções da Codificação. Se fosse seguido o seu conselho, certamente não haveria tantos prejuízos no tratamento das obsessões.